

RASTROS EM VEREDAS: Reflexões sobre imagem e subjetividade nas ilustrações da obra de Guimarães Rosa

Rhaysa Novakoski Carvalho¹

As imagens são janelas de acesso aos muitos mundos em que vivemos, já nos contava Baitello Júnior (2018). Para ele, essas janelas são abertas como estratégias de sobrevivência que, por sua vez, formulam caminhos. Veredas pelas quais deixamos rastros e por onde também os buscamos. Seguindo essa intuição teórica, a reflexão pretendida aqui é guiada pelo desejo de pensar o universo de Guimarães Rosa, traçando aproximações entre subjetividade, imagem e obra. Parte-se, então, do entendimento da estética dos livros como uma espécie de espelho duplo, em que vemos tanto um desdobramento da narrativa ficcional quanto um eco da vida do escritor, que esboça um movimento constante de autorreferência.

Desse modo, este resumo apresenta os resultados de um esforço em levantar algumas reflexões sobre a possibilidade das ilustrações presentes na obra rosiana carregarem traços de subjetividade do próprio Guimarães Rosa, como reflexo de uma escrita de si imbricada em um projeto de arte e de vida. Apesar de ter servido como inspiração e escape de pensamentos empreendidos durante a pesquisa, os escritos apresentados aqui, ainda, não integram a dissertação em andamento – mas certamente nos dão algo a refletir.

O caminho metodológico percorrido por este trabalho cruzou o campo da fenomenologia com teorias presentes no campo da filosofia, da literatura e da arte, com apoio de autores como Didi-Huberman (2010), Derrida (2010) e Foucault (1992). De modo a guiar o olhar lançado aos fragmentos de ilustrações que integraram o estudo, materiais como arquivos, cartas e outros documentos que mostram processos ou partes de processos da formação dessas imagens também foram consideradas para o trabalho que selecionou partes das capas das obras lançadas (e editadas) pelo escritor entre 1958 e 1967.

Com a observação, reflexão e comparação entre desenhos que integraram a análise, trechos dos livros e as pistas deixadas pelo autor em cartas e entrevistas, foi possível realizar aproximações entre os traços imagéticos e os aspectos formadores de Rosa, sobretudo,

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, orientada pelo professor doutor Gustavo de Castro. Contato: novakoski.rhaysa@gmail.com.

enquanto escritor. Embora carregue características regionalistas, a paisagem criada por JGR vai além do simples emolduramento de um ethos sertanejo, como já apontado por Candido (2002) na dimensão escrita da obra do autor. Assim como ocorre nas palavras, o sertão é a essência primeira das ilustrações analisadas aqui, a matéria-prima da criação rosiana. Mas está longe de ser uma paisagem pura. Nela, Rosa ecoa traços metafísicos que são de seu interesse pessoal e, conforme Antônio Candido, o escritor rompe as barreiras territoriais para tocar em questões do interior humano. O sertão fica sendo, assim, o mundo de Rosa – misturado e organizado conforme sua própria visão sobre a nossa realidade.

As ilustrações, por sua vez, são as janelas que primeiro dão acesso ao universo a ser experimentado pelo leitor que entra em contato com suas publicações. Em um movimento executado por seus ilustradores, Poty Lazzarotto e Luís Jardim, e orquestrado rigorosamente por Rosa, as ilustrações assumem a raiz de origem da palavra (leuk / leukos / leucht / lux) e “iluminam” a apresentação visual a uma unidade que, ao mesmo tempo em que explicita os conteúdos, joga com elementos de um campo invisível, metafísico.

Ao adentrar a essas janelas, nos deparamos com rastros que desembocaram em quatro principais aspectos: primeiro, a essência sertaneja de Rosa ao lidar com o mundo; em segundo, a memória e a saudade de um espaço vivido na infância e carregado pelo autor durante toda a vida; terceiro, um movimento de apresentação ecumênica de símbolos e códigos presentes nas diversas religiões de interesse do mineiro; e, por último, indícios de autorreferencialidade escondido nos traços que aparentemente só remeteriam às estórias dos livros. Todos esses elementos são fundidos em uma apresentação regional que confere unidade à temática de criação rosiana: o sertão, que é particular e, ao mesmo tempo, o mundo.

Palavras-chave: imagem; subjetividade; ilustração; Guimarães Rosa.

Referências

- BAITELLO JÚNIOR, N.** *A carta, o abismo, o beijo: os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*. São Paulo: Paulus, 2018.
- BARTHES, R.** *La préparation du roman: cours au Collège de France 1978-79 et 1979-80*. Paris: Éditions du seuil, 2015.
- CANDIDO, A.** *O homem dos avessos*. In.: CANDIDO, Antonio. Tese e antítese. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.
- DERRIDA, J.** *Memórias de cego: o auto-retrato e outras ruínas*. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.



Dissonâncias do contemporâneo:
Espaços e (des)construção de saberes

Período de submissão dos resumos:
30 de Novembro de 2020
até 15 de Janeiro de 2021



DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.